

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

*Entrevistando a Hombres Gays: Espacios del Armario,
Protocolos de Sensibilidad y Cuidado Narrativo*

*Interviewing Gay Men: Closet Spaces, Sensitivity
Protocols, and Narrative Care*

Leo Name

Universidade Federal da Bahia - Brasil
lpmname@gmail.com

Oswaldo Freitez Carrillo

Universidade Federal da Bahia - Brasil
oswaldofreitez@gmail.com

Como citar este artigo:

NAME, Leo; CARRILLO, Oswaldo Freitez.
Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário,
Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo.
Revista Latino Americana de Geografia e Gênero,
v. 15, n. 1, p. 223 - 251, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Entrevistando a Hombres Gays: Espacios del Armario, Protocolos de Sensibilidad y Cuidado Narrativo

Interviewing Gay Men: Closet Spaces, Sensitivity Protocols, and Narrative Care

Resumo

O artigo analisa tensões nas experiências sexuais de homens gays, em conformidade com o conceito de espaços do armário, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. Explora a interconexão entre mobilidades e condições de liberdade e repressão sexual, mediante transcrições de entrevistas narrativas de quase 10 anos atrás e cartografia não convencional. Investiga-se o impacto do tempo e de mobilidades geográficas em novas entrevistas. Dos dois momentos, destacam-se os protocolos de sensibilidade adotados, de um compromisso metodológico com o cuidado narrativo na obtenção e apresentação desses relatos e a influência dos espaços do armário no delineamento dos regimes do desejo homossexual.

Palavras-Chave: Homens gays; Espaços do armário; Entrevista; Protocolos de sensibilidade; Cuidado narrativo.

Resumen

El artículo analiza tensiones en las experiencias sexuales de hombres gay, de acuerdo con el concepto de espacios de armario, en la Triple Frontera entre Brasil, Argentina y Paraguay. Explora la interconexión entre movilidades y condiciones de libertad y represión sexual, a través de transcripciones de entrevistas narrativas de hace casi 10 años y cartografía no convencional. Se investiga el impacto del tiempo y movilidades geográficas en nuevas entrevistas. De los dos momentos se destacan los protocolos de sensibilidad adoptados, parte de una apuesta metodológica por el cuidado narrativo en la obtención y presentación de estos informes y la influencia de los espacios del armario en la delineación de los regímenes del deseo homosexual.

Palabras-Clave: Hombres gays; Espacios del armario; Entrevista; Protocolos de sensibilidad; Cuidado narrativo.

Abstract

The article analyzes tensions in the sexual experiences of gay men, in accordance with the concept of closet spaces, in the Triple Border between Brazil, Argentina and Paraguay. Explores the interconnection between mobilities and conditions of sexual freedom and repression, through transcriptions of narrative interviews from almost 10 years ago and unconventional cartography. The impact of time and geographic mobilities on new interviews is investigated. Of both moments, the adopted sensitivity protocols stand out, part of a methodological commitment to narrative care in obtaining and presenting these reports and the influence of closet spaces in the delineation of regimes of homosexual desire.

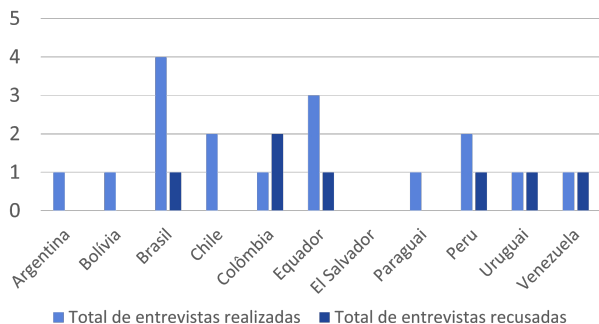
Keywords: Gay men; Closet spaces; Interview; Sensitivity protocols; Narrative care.

Leo Name, Oswaldo Freitez Carrillo



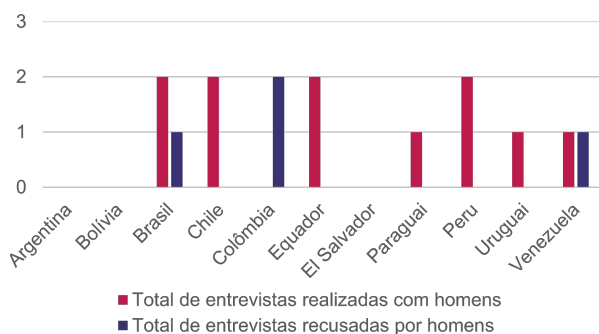
Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Figura 1 – Gráfico: total de entrevistas realizadas e recusadas, com alunas e alunos, por país de origem



Fonte: elaboração própria.

Figura 2 – Gráfico: entrevistas com alunos — realizadas e recusadas, por país de origem



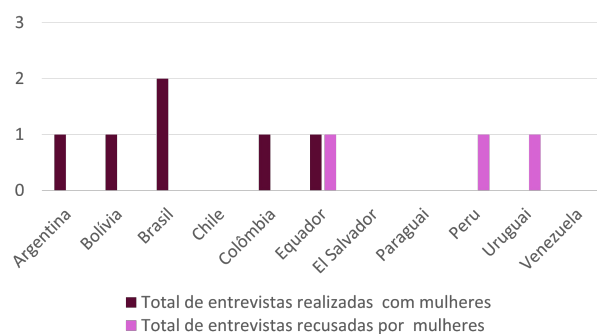
Fonte: elaboração própria.

Figura 4 – Mapa: alunos entrevistados em seus países de origem



Fonte: elaboração própria.

Figura 3 – Gráfico: entrevistas com alunas — realizadas e recusadas, por país de origem



Fonte: elaboração própria.

Figura 5 – Mapa: alunas entrevistadas em seus países de origem



Fonte: elaboração própria.

Leo Name, Oswaldo Freitez Carrillo

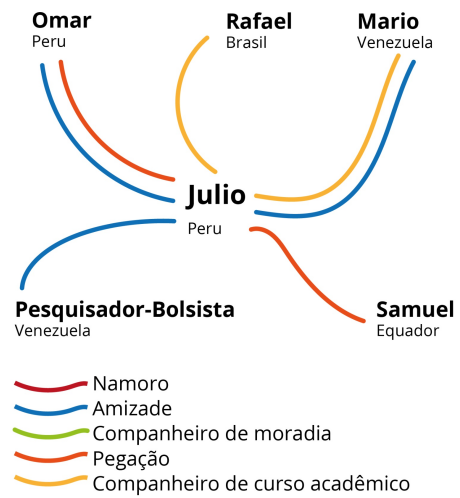
Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Figura 6 - Mapa das relações de Ferdinando com demais entrevistados no momento de sua entrevista



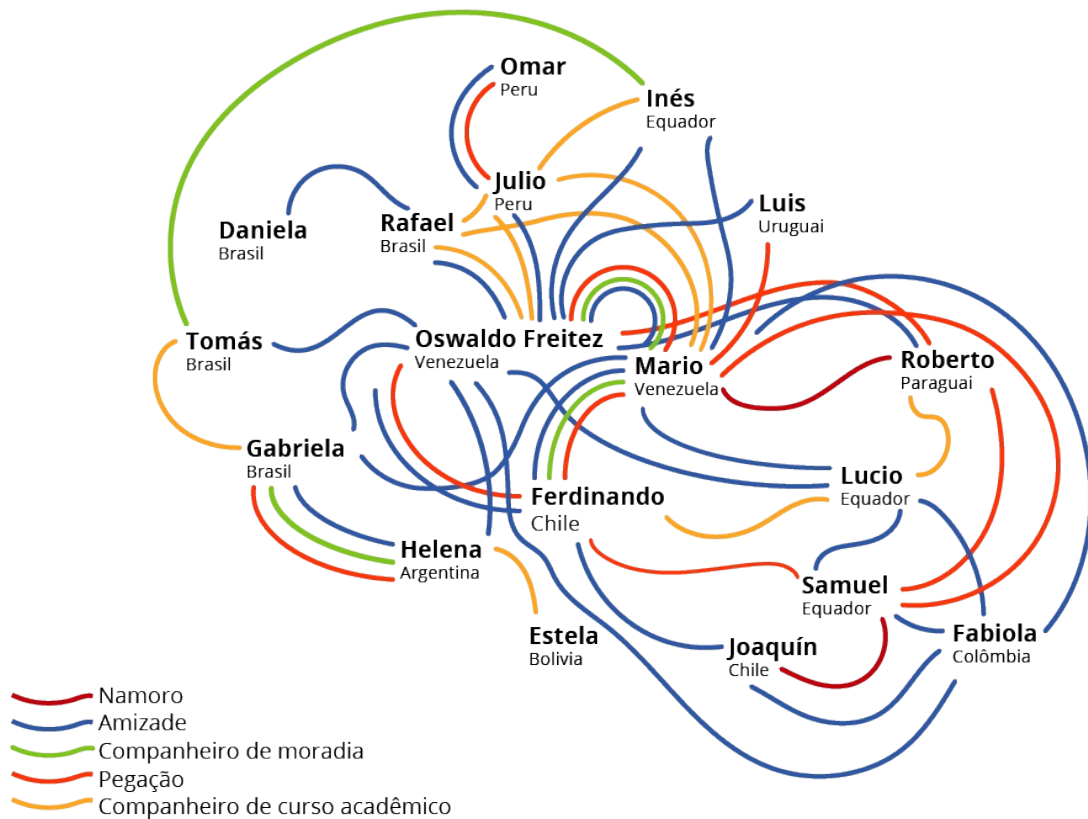
Fonte: elaboração própria.

Figura 7 – Mapa das relações de Julio com demais entrevistados no momento de sua entrevista



Fonte: elaboração própria.

Figura 8 – Mapa das relações entre todos/as os/as entrevistados/as, entre 2014 e 2015



Fonte: elaboração própria.

Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Figura 9 – Cartografia alternativa, originalmente elaborada com textos em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do equatoriano LUCIO, a partir de entrevista em 8 de junho de 2015



Fonte: elaboração própria (2016).

Figura 10 – Cartografia alternativa, elaborada originalmente em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do brasileiro RAFAEL, a partir de entrevista em 19 de maio de 2015



Fonte: elaboração própria (2016).

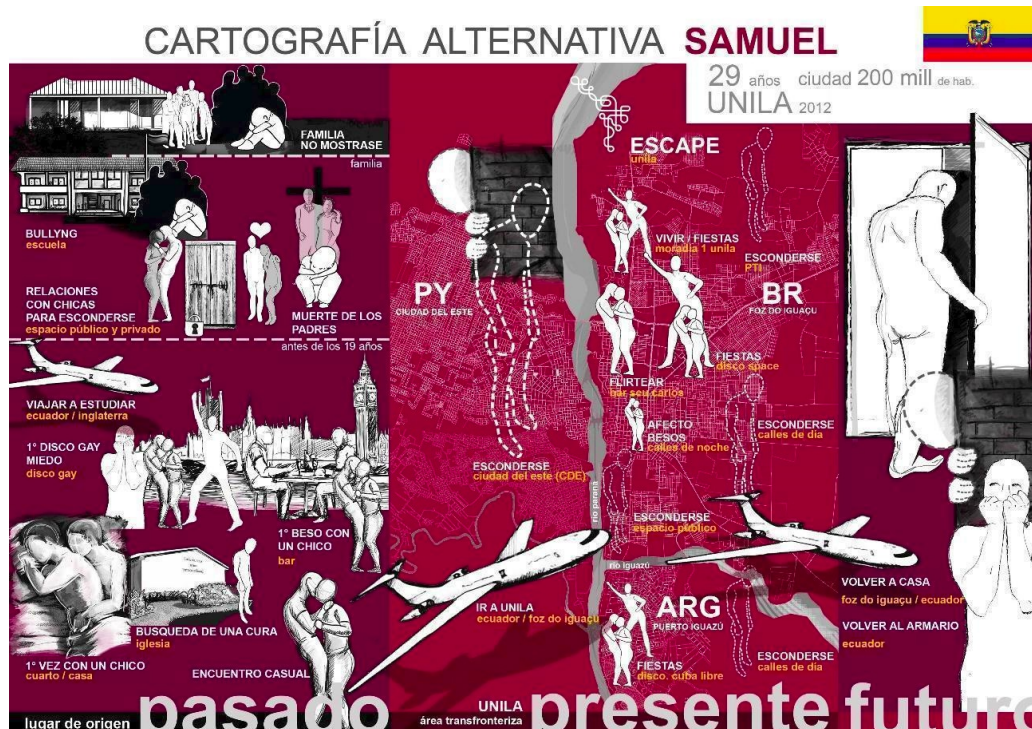
Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Figura 11 – Cartografia alternativa, elaborada originalmente em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do venezuelano MARIO, a partir de entrevista em 27 de setembro de 2015



Fonte: elaboração própria (2016).

Figura 12 – Cartografia alternativa, elaborada originalmente em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do equatoriano SAMUEL, a partir de entrevista em 15 de abril de 2015



Fonte: elaboração própria (2016).

Entrevistando Homens Gays: Espaços do Armário, Protocolos de Sensibilidade e Cuidado Narrativo

Figura 13 – Cartografia alternativa, elaborada originalmente em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do chileno FERDINANDO, a partir de entrevista em 2014



Fonte: elaboração própria (2016).

Figura 14 – Cartografia alternativa, elaborada originalmente em espanhol: presente, passado e futuro de mobilidades e experiências de gênero e sexualidades do peruano JULIO, a partir de anotações de uma entrevista em 2014



Fonte: elaboração própria (2016).

Introdução: Ferdinando, Julio e o armário

Cena 1. Final de 2014. Ferdinando, um chileno com 22 anos, os dois últimos estudando na Universidade Federal da Integração LatinoAmericana (Unila), está no apartamento de um de nós, carioca, na época com 37 anos e recentemente integrado ao quadro docente dessa instituição — situada na Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu, no Paraná, com Ciudad del Este, no Paraguai, e Puerto Iguazú, na Argentina — com vagas para estudantes de vários países¹. Não à toa, o outro de nós, ali, vem de Barquisimeto, na Venezuela: é um estudante então com 23 anos, com ingresso na Unila em 2012. Ferdinando é o primeiro a nos conceder uma entrevista gravada para a pesquisa que, naquele momento, um de nós coordena e o outro é bolsista de iniciação científica, voltada à criação de cartografias alternativas das mobilidades transfronteiriças de discentes homossexuais da instituição. Gradualmente, talvez por saber que seus entrevistadores também são homens gays, ele fala tanto de suas experiências homoeróticas, incrementadas por sua mudança do Chile para o Brasil, quanto das situações de homofobia já vividas. O interfone toca: a estudante brasileira Daniela está chegando mais cedo para o depoimento ao projeto. Ferdinando a conhece, fica nervoso e pede a finalização da conversa. Vai embora, pois sente que foi arrancado do “armário” por nós.

Cena 2. Início de 2015. O pesquisador-bolsista encontra Julio, um estudante de 23 anos oriundo da capital peruana, também na Unila desde 2012. A entrevista é gravada na área coletiva externa à moradia estudantil da universidade. De início, ele fala tranquilamente sobre suas experiências homossexuais em Lima e na Tríplice Fronteira, mas, pouco a pouco, afeta-se emocionalmente, passa a conferir quem está por perto e se é possível escutar o que diz. Logo, fica bastante abalado e pede para que a conversa seja encerrada e o áudio apagado, o que é feito imediatamente.

Os evidentes incômodos de Ferdinando e Julio nos obrigam a ponderar sobre dimensões conceituais, metodológicas e éticas da pesquisa. Este texto expõe, então, nossas estratégias de reposicionamento e recondução teórico-metodológicos.

Na primeira seção, apresentamos os “espaços do armário”, conceito que nos facilitou a construção do objeto de estudo e a condução das entrevistas realizadas entre 2014 e 2015, com 6 alunas e 11 alunos de 11 nacionalidades, entre 22 e 29 anos. Utilizando-o, conseguimos premissas e análises mais robustas das tensões em torno desse falar de si e das experiências sexuais, as quais, como veremos, estão intrinsecamente ligadas a mobilidades por entre espaços que combinam revelação e segredo, liberdade e repressão.

Esmiuçamos, na segunda seção, o método da “entrevista narrativa”, empregado nas conversas de quase dez anos atrás, que propicia um diálogo

1 Criada pela Lei n. 12.189, de 12 de janeiro de 2010, a Unila é uma universidade brasileira que destina metade de suas vagas a estudantes de outros países — no primeiro momento, da América Latina e do Caribe e, mais recentemente, de um conjunto mais amplo. Com ensino bilíngue (português e espanhol), localização estratégica e orientada a uma produção acadêmica ajustada às realidades da região latino-americana, a instituição se alinha, ao menos conceitual e epistemologicamente, ao interculturalismo e ao pensamento decolonial. Ver: Corazza (2010); Ricobom (2010); Name; Moassab (2020).

mais fluido e horizontal, com base no ato de contar histórias. Na mesma seção, indicamos a intenção de revisitar as transcrições do material gravado entre 2014 e 2015, não mais nos focando na produção cartográfica, já publicada², mas na exposição aprofundada dos relatos nessas entrevistas, particularmente os que exemplificam os espaços do armário. Adicionalmente, informamos que para este texto, de novo, procuramos apenas os homens gays entrevistados naquele primeiro momento para uma segunda conversa, desta vez, remota e por escrito. Os que responderam a essa última solicitação, juntamente com Julio e Ferdinando, são os personagens do artigo. Ainda nessa seção, debatemos os protocolos de sensibilidade que adotamos tanto nas suas entrevistas mais recentes quanto nas passadas, no âmbito de um compromisso metodológico com o cuidado narrativo — exigente de cautela com relação à “coleta” e ao “tratamento de dados”, por assim dizer.

Antes de nossos comentários finais, apresentamos uma seção para cada um desses homens, por duas vezes entrevistados. Nas transcrições de suas primeiras declarações, destaca-se o que entendemos como narrativas sobre os desafios impostos pelo armário em suas vidas e a respeito de suas mobilidades por entre os espaços onde ele se manifesta. Das declarações mais recentes, estimuladas pelos mapas que traduzem imagetivamente seus primeiros relatos (figuras 9 a 14), emergem suas considerações sobre possíveis reconfigurações de armários e espaços do armário, tendo em conta a passagem de vários anos, os muitos deslocamentos geográficos — Ferdinando retornou ao Chile, Julio vive hoje em dia nos Estados Unidos e os autores deste artigo atualmente moram na capital baiana, por exemplo — e o avanço das interações digitais na vida gay contemporânea.

Para seguirmos em frente, cabe fazer dois esclarecimentos. O primeiro: nosso artigo se concentra nos homens gays, não apenas em conformidade com o escopo do presente dossiê sobre “corporeidades de homens gays em pesquisa, trabalho e cotidiano”, mas também porque ser homens gays nos facilitou o acesso a esses entrevistados. Eles tendiam a compartilhar suas experiências com menos hesitação do que as alunas, possivelmente por julgarem-nas semelhantes às de quem os entrevistava. O segundo: dispormos todas as imagens no início no trabalho foi intencional. Em uma pesquisa sobre narrativas, é relevante reconhecer que também narram as várias imagens que utilizamos (gráficos, esquemas, mapas convencionais e não convencionais). Elas não são meramente ilustrativas, têm o mesmo peso do que é escrito, complementam e interpelam conteúdos e, agrupadas, ganham força pela coesão do conjunto ou pelas possibilidades de comparação entre si. Aparecem antes para que a reflexão de quem nos lê também ocorra antes de qualquer contato com o texto e, além disso, porque essas imagens narram um momento de antes: a primeira fase da pesquisa, há quase uma década.

2 Com ênfase na elaboração de mapas não convencionais resultados das entrevistas, publicamos duas sínteses da pesquisa, uma em espanhol e outra em português. Ver: Name; Freitez Carrillo (2017; 2019). Baseavam-se, por exemplo, na análise semiótica sobre “mitos” e “silêncios” nos mapas, como nos trabalhos de Gisele Girardi (2000) e Brian Harley ([1988] 2009), e nas “tipias” e nos “pictogramas” utilizados respectivamente por Adriana Caúla (2008) e Julia Risler e Pablo Ares (2013).

Espaços do armário

Em um estudo sobre relações homoeróticas entre homens cisgêneros, o geógrafo cultural estadunidense Michael Brown (2000) analisa o que chama de “espaços do armário”. Sua referência óbvia é o trabalho da também estadunidense Eve Kosofsky Sedgwick ([1993] 2007) a respeito de uma “epistemologia do armário”, uma virada decisiva na teoria queer. A autora desloca o “armário” de simples metáfora sobre a revelação e a ocultação da orientação sexual para um dispositivo que regula a vida de pessoas LGBTQIAPN+. Para ela, a heterossexualidade é uma invenção que exige narrativas que a contraponham à homossexualidade e a outras sexualidades “dissidentes”. Essa falsa dicotomia, representada pelo armário, desenha outros binarismos: masculino/feminino, natural/artificial, saúde/doença, igual/diferente etc. Também alimenta a homofobia e faz com que se borrem e confundam, na experiência dos desejos que desafiam a heterocisnormatividade, os limites entre exposição e privacidade, liberdade e restrição, conhecimento e ignorância.

Brown (2000) espacializa a discussão, apontando que o armário se manifesta por dimensões materiais de diferentes escalas. O próprio corpo dos homens gays, que são seu foco, é um espaço do armário pelo qual se podem reprimir ou manifestar performatividades por gestualidades, entonações vocais e vestimentas, por exemplo. Também são alguns lugares na cidade — banheiros coletivos, parques, estabelecimentos comerciais para o público gay etc. — onde, entre homens, podem ocorrer relações sexuais ou afetivas, em maior ou menor grau, às escondidas; a nação, moldada por discursos, dados oficiais e ideais territoriais que delineiam ou se ancoram em virilidades masculinas heterocisnormativas; e o globo, por onde esses homens viajam e vivenciam, longe de casa, experiências homoeróticas. Ele também assinala que mesmo quando táticas de ocultamento são aplicadas — tais como as em bares e saunas gays projetados sem qualquer sinalização externa de sua atividade —, nesses espaços, as pessoas podem tanto expressar mais livremente sua sexualidade (flertar, beijar, obter sexo) quanto ter sua orientação exposta à revelia: por exemplo, alguém que as conhece pode vê-las entrando em tal bar ou sauna, ou até mesmo frequentá-los.

Em síntese, nos espaços do armário, coexistem imposições de invisibilidade, práticas várias vezes clandestinas de fruição do desejo homossexual e riscos e perigos de exposição. Não há, também, um “sair do armário” como evento único e definitivo de revelação, mas um imprevisível vai e vem: “entrar no armário” e “sair do armário” permeiam um conjunto amplo de experiências dos homens gays analisados por Brown e neste artigo e, além disso, necessariamente envolvem ires e vires, especialmente entre espaços intraurbanos e interurbanos³. Por outras palavras, a condição homossexual também se institui pela miríade de lugares vivenciados em diferentes momentos e movimentos, inclusive os espaços do armário, sob tantos tensionamentos e contradições. Tal afirmação nos posiciona, pois, junto

3 Para exemplos da tradução do armário a espacialidades e mobilidades, ver: Binnie (1997); Vieira (2010); Lewis (2012); Arcos (2013); Name; Freitez Carrillo (2019).

aos debates que, particularmente na geografia, destacam o papel dos espaços na experiência humana, em especial os vivenciados por cada grupo social ou comunidade devido a suas condições de vantagem ou desvantagem.⁴

Trazendo o conceito para nosso trabalho, as cenas de abertura demonstram que o espaço do armário se institui naquelas entrevistas, impossibilitando a continuidade da conversa. Se Ferdinando aceita compartilhar suas experiências homoeróticas com quem escolheu confiar, sente-se vulnerável quando alguém inesperado adentra o espaço onde, até então, sentia-se seguro para esse tipo de diálogo. Na mesma direção, são tão intensos os medos de Julio de falar de sua sexualidade em um espaço público que chegam ao ponto da interdição do relato. Ao longo da pesquisa, como veremos a partir da próxima seção, outras pessoas também falaram de experiências que acreditamos associadas ao armário e a seus espaços.

Entrevistas, protocolos de sensibilidade e cuidado narrativo

Vale a pena informar que as entrevistas de Julio e Ferdinando continham uma quantidade de perguntas maior e um roteiro bem mais estruturado do que as que ocorreram depois: eram muito inquisitivas. As conversas seguintes, em 2015, baseiam-se na chamada “entrevista narrativa”⁵, uma técnica específica de coleta de dados, mais amplamente empregada na antropologia, na sociologia, na linguística, na psicologia, na saúde coletiva e na história, mas ainda pouco utilizada por disciplinas do espaço, como o urbanismo e a geografia.

A entrevista narrativa é um recurso qualitativo que entende que contar histórias é um ato elementar da comunicação humana que pode aliviar, ou ao menos tornar mais toleráveis, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana de quem narra. Narrar remete, pois, à experiência pessoal, permitindo rememorar eventos em detalhe, sequenciá-los e encontrar suas explicações, mas cada comunidade ou grupo social costuma ter um vocabulário próprio para contar as histórias que moldam suas percepções do mundo. Narrativas possuem personagens e acontecimentos que podem tanto se traduzir por cartografias e cronologias (ambas em nossos mapas) quanto por uma organização menos coerentemente indexada a tempos e espaços. Todas, contudo, possuem um “enredo” que a estrutura e contextualiza, dando-lhe sentido.

Diante disso, a entrevista narrativa evita roteiros fechados e de muitas perguntas que tendam a levar a respostas padronizadas, é pouco ou nada estruturada previamente e incentiva que participantes detalhem eventos importantes de sua vida a partir de temas centrais que compõem um enredo mais geral. Quem faz a entrevista explica as motivações da pesquisa, mas se furta da enunciação de conceitos, por vezes, herméticos. Prioriza-se a linguagem acessível, poucas interrupções e um diálogo horizontal e acolhedor, com vistas a uma interação colaborativa que estimule a

4 Para debates sintéticos sobre o tema, ver: Name (2020); Silva; Costa (2021).

5 Para detalhamentos mais robustos do método, consulte: Jovchelovitch; Bauer ([2000] 2014); Muylaert *et al.* (2014); Macedo (2021).

continuidade e a conclusão de cada relato.

Em nosso caso, consideramos que dimensões de alteridade faziam parte de um “enredo comum” ao alunado da Unila potencialmente entrevistável: em todos os casos, declarar-se ou perceber-se homossexual e sofrer homofobia em diferentes contextos e espaços; na maioria dos casos, ser forasteiro/a ou estrangeiro/a, com experiências de racismo e xenofobia⁶. Além disso, assumindo que o “armário” faz parte do léxico empregado pelas comunidades gays, entendemos que também compunham esse enredo as possíveis correlações entre “sair e entrar do armário” e certos trânsitos por espaços do passado, do presente e do futuro: respectivamente, aqueles que, no país de origem e em outros lugares de residência e visita anteriores, estavam ligados a experiências homossexuais; na Unila e em outros espaços da Tríplice Fronteira, onde a expressão da sexualidade se mostrava possível, ou não, talvez com retornos breves ao lugar de origem; e por outros destinos após a conclusão da graduação, incluindo a volta para casa como potencial volta ao armário.

Nossas entrevistas buscaram, então, as narrativas pessoais que refletissem, adensassem ou problematisassem esse enredo comum. Desde o início da pesquisa, contudo, entre as muitas dificuldades, havia barreiras simbólicas difíceis de superar. Um dos pesquisadores, afinal, ocupava a posição hierárquica de professor na Unila, e quase todo mundo se conhecia na instituição, àquela altura, bem pequena.⁷ Ganhar a confiança de possíveis informantes demorava, porque surgiam preocupações com fofoca, difamação, *bullying* e homofobia, caso a participação na “pesquisa sobre gays saindo do armário” viesse a público. Além disso, os desconfortos de Ferdinando e Julio alertaram sobre não ser nada simples abordar experiências não apenas íntimas, mas traumáticas. Havia, portanto, questões éticas a resolver em torno de como obter as histórias contadas nas entrevistas e como apresentá-las em trabalhos — antes, a produção cartográfica e, agora, o exame mais aprofundado desses relatos.

De modo a evitar novos constrangimentos, adotamos o que chamamos de “protocolos de sensibilidade”. Vetou-se, por óbvio, que as pessoas entrevistadas se encontrassem no momento das conversas. Além disso, o pesquisador-professor não mais participou delas: as decisões sobre quem, quando e onde entrevistar foram delegadas ao pesquisador-bolsista, a partir de sua própria rede de relacionamentos. Mesmo explicando os objetivos da pesquisa e garantindo o anonimato a “ficantes”, *roommates* e colegas de seu

6 A despeito dos discursos oficiais do poder público e dos agentes turísticos de Foz do Iguaçu exaltarem a convivência harmoniosa de mais de setenta etnias na cidade, no momento em que iniciamos a pesquisa atos de xenofobia contra estudantes da Unila eram frequentes e alarmantes. Cf. Klauck; Szekut (2012); Piolla (2012); Wurmeister (2012); Georges (2013); G1 PR (2016).

7 Em 2014, quando iniciamos a pesquisa, a Unila oferecia 14 cursos de graduação para apenas 505 estudantes de 11 países — Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Em 2015, com as entrevistas em andamento, a instituição expandiu sua oferta para vinte e nove cursos, atingindo 1.971 estudantes de 12 países (agregou-se o Haiti). O último levantamento, de 2022, contou 6.964 estudantes de 44 nacionalidades e 28 povos indígenas. Cf. Name; Freitez Carrillo (2019); Unila (2022; 2023).

curso ou de outros, ele recebeu muitas negativas e pedidos de adiamento ou cancelamento. Quem aceitava falar, porém, indicava outras pessoas, que também sugeriam mais nomes (ver Figuras 1 a 8). Outra questão importante, na intenção de facilitar o diálogo mais horizontal e acolhedor, era a escolha do lugar para a conversa: espaços pequenos ou muito fechados foram evitados, assim como ambientes “muito brancos”, que pudessem aludir a consultórios médicos ou psiquiátricos — mencionados em alguns relatos de patologização da homossexualidade. Entrevistas em lanchonetes e cafeterias em horários de pouco movimento ou durante uma caminhada, em ambos os casos fora dos *campi* da Unila, mostraram-se mais propícias a melhores resultados.

Nessas primeiras conversas, frequentemente, foram narradas situações de repressão, violência e medo, dentro de casa e nas escolas, ruas e igrejas, por exemplo; e interações homoeróticas em bares, boates, espaços públicos e, no caso dos homens, banheiros coletivos e saunas. Além disso, a maioria dizia sentir-se mais à vontade na Unila que em seu lugar de origem, embora em outros espaços de Foz do Iguaçu ainda se enfrentasse a homofobia; ter mais liberdade na vida noturna de Puerto Iguazú; e temer revelar-se em Ciudad del Este. As narrativas mostravam, além disso, que o alunado entrevistado era mais ou menos consciente de seus corpos percorrendo e respondendo a espaços do armário que os afetavam, mas que também eram afetados por tais estudantes⁸.

Ante a exposição de intimidades, outro importante protocolo de sensibilidade era, como mencionado, a garantia do anonimato. Assim, as gravações das conversas jamais passaram pelas mãos do pesquisador-professor — que, até hoje, aliás, não sabe muito bem quais pessoas foram entrevistadas. Os áudios moviam-se do pesquisador-bolsista a uma aluna veterana do curso de Letras, uruguaia e bilíngue, que os transcrevia, trocando nomes verdadeiros por pseudônimos, omitindo os cursos de graduação e, quando pedido, as cidades de origem⁹. Depois, cada transcrição retornava à pessoa entrevistada, que poderia suprimir trechos indesejados antes da publicação de quaisquer dados ou resultados.

No final de 2023, a decisão por novamente entrevistar, para este artigo, os homens gays que agora estão na condição de egressos da Unila e residindo em diferentes lugares, também dependeu da rede de contatos desse de nós que também é ex-aluno da instituição. Sua tarefa foi facilitada pelas redes sociais e por aplicativos de mensagens, mas mesmo explicando minuciosamente os motivos para uma nova conversa, o que trataria o texto, o enfoque em gênero e o prestígio do periódico que o publicaria, alguns sequer lhe responderam e outros recusaram o convite, alegando dificuldades em, de novo, expor suas experiências.

Mostrou-se inviável, além disso, fazer longas entrevistas narrativas com aqueles que concordaram em mais uma vez participar, devido a questões da agenda desses participantes e aos prazos apertados para a finalização do texto.

8 Cf. Name; Freitez Carrillo (2019),

9 Essa estudante era Eva Taberne, a quem tardiamente agradecemos por seu trabalho excepcional.

Assim, o mesmo pesquisador enviou para cada um, pela internet, um breve resumo lembrando alguns pontos da primeira conversa, o respectivo mapa que traduz seu relato e poucas perguntas. Formuladas de modo a novamente estimular a narração, agora por escrito, essas questões faziam com que cada um reavaliasse sua passagem pela Unila e refletisse sobre possíveis manifestações do armário nos espaços onde vive atualmente, além do papel das redes sociais e dos aplicativos de encontros, de uso cada vez mais massivo. Variaram, ligeiramente, em função da localização de quem retornou à sua cidade, permanece na Tríplice Fronteira ou vive em outro lugar.

As próximas seções apresentam trechos das narrativas das duas conversas com cada um dos personagens, separadas por quase dez anos. Se em nenhum desses momentos o termo “espaços do armário” foi diretamente enunciado pelo entrevistador, respeitando os princípios da entrevista narrativa, mesmo assim se nota que várias vezes os entrevistados mencionam situações, experiências, práticas e sensações em espaços em conformidade com sua conceituação.

Lucio

Na entrevista de 2015, aos 23 anos, o equatoriano Lucio descreveu a metrópole onde nasceu como “*conservadora, muito estereotipada e um pouco hipócrita e pudica*” — inclusive mencionando ser impossível ver “dois homens se cumprimentarem com um beijo na bochecha, como na Unila”. Embora notasse maior aceitação da homossexualidade naquele momento, a cena gay era “*um pouco underground, não tão pública*”. Assim, lembrava-se de sempre estar, em sua cidade,

Cercado por todos esses estereótipos, preconceitos e construções conservadoras, sendo bastante desconfortável ser homossexual. E eu sempre senti isso. É incômodo. Você tem que ficar preocupado porque alguém na rua pode começar a gritar alguma coisa, porque um dia seus amigos podem decidir que são homofóbicos e pronto, por qualquer motivo. É complicado¹⁰.

Em casa, a situação era menos difícil: “*meus pais não sabem, mas presumem*”. Sobre seu primeiro relacionamento com um homem, ainda no Equador, declarou:

Eu tive namoradas, porque eu era supostamente hétero. Quando comecei a perceber que eu gostava mesmo de homem, a verdade é que não levei muito a sério. Mas houve uma situação bem curiosa com um colega de universidade, no Equador, de quem percebi estar gostando. Acho que reprimi antes, mas naquele momento não foi complicado, nem tive uma crise existencial. Resolvi que ia ver o que estava acontecendo. Ele também era gay e começamos a namorar. Saíamos com os amigos dele, comecei a conhecer os bares e as boates gays. Eu saía com ele nos finais de semana para esses lugares

10 A partir de agora, traduzimos ao português declarações originalmente em espanhol. Também grifamos o que para nós sinaliza, nas entrevistas, dimensões do armário e seus espaços.

ou saía com meus amigos para qualquer outro lugar com ele também, não foi nada complicado. Agora, carinho em público é outra história.

Se já era difícil exercer a homoafetividade abertamente, até mesmo nos estabelecimentos para o público gay de sua cidade, as ruas eram ainda mais hostis.

Uma vez, numa rua meio movimentada, estava caminhando com três amigos e, em frente a um bar, do nada, um cara visivelmente bêbado começou a gritar e fazer ameaças: ‘seus viados de merda, o que vocês estão pensando, hein?’. Independentemente de você reagir ou não, isso te deixa emocionalmente afetado: apenas estávamos passando na rua, não estávamos fazendo nada.

Sobre sua experiência na fronteira entre Argentina, Paraguai e Brasil, Lucio assinalou que em Puerto Iguazú era factível expressar afeto a outro homem em público, especialmente em boates. Em Ciudad del Este era impossível, inclusive em festas. No lado brasileiro, também era complicado, pois “*mesmo com o fluxo turístico e a quantidade de pessoas de diferentes lugares do mundo, Foz do Iguazu mistura cosmopolitismo e conservadorismo*”. Disse, também, que a ideia corrente de que a Unila era um espaço com gente de mente aberta, que aceitava todas as pessoas como são, não era totalmente verdadeira: seria comum alunos heterossexuais referirem-se pejorativamente à instituição como “universidade das loucas” ou “universidade cor-de-rosa”. Além disso, ele chegou a ser insultado em um bar de Foz do Iguazu, devido à sua orientação sexual, justamente por um estudante de sua instituição: “*acho que isso tem a ver com a diversidade da Unila, é porque sou estrangeiro, tem a ver com racismo e xenofobia*”. Sendo assim, segundo ele, “*a universidade não é um ambiente tranquilo, se não por risco físico, por um risco emocional, simbólico e até mesmo social*”.

Ainda nessa primeira conversa, Lucio negou que voltar ao Equador significaria voltar ao armário. Atualmente, ele é fotógrafo independente e, em resposta às perguntas recentes e tendo acesso ao mapa que é a Figura 9, narrou com mais carinho sua passagem pela universidade. Também expressou certa sensação de não pertencimento em sua cidade natal.

Certamente a minha experiência na Unila e na região transfronteiriça foi muito importante para a forma como entendo, hoje, a minha sexualidade e a minha identidade de gênero. Entrava e saía de uma bolha universitária que contrastava com os outros ambientes daquelas três cidades, que também diferiam entre si por questões culturais. Tudo isso afetou até mesmo a forma de compreender a mim mesmo e meu ambiente, como pessoa da comunidade LGBTQIAPN+. Depois de ter convivido, na Unila, com uma comunidade aberta e que refletia sobre questões como identidade de gênero, classe ou raça, são muitos os desafios na minha cidade, onde há todos os tipos de violência em torno dessas questões, à luz do dia e sem que pareça relevante pensar nisso. Então é muito difícil, para mim, me relacionar com as pessoas da minha comunidade e, mais ainda, frequentar

espaços onde me sinto confortável. Moro com minha mãe e tenho uma relação normal e amorosa com minha família, mas em quase todos os novos espaços que frequento, sociais ou de trabalho, é como ter que entrar e sair do armário mil vezes. Não tenho companheiro e até agora não possuo um sentimento de pertencimento.

Sobre o impacto de *smartphones*, redes sociais e aplicativos de encontros, nos últimos anos, e se o ajudariam ou não a mais publicamente expressar sua sexualidade, declarou:

Utilizo os aplicativos, mas sinto cansaço ao interagir com as pessoas por essas mídias porque elas repetem um script que pouco ou nada contribui além de encontros sexuais esporádicos. Não utilizo as redes sociais para expressar a minha vida privada em geral porque nunca tive esse interesse, mas as uso, sim, para falar sobre minha identidade, somente com meu círculo mais íntimo. Nos aplicativos e nas redes, como todo mundo, acredito que sofremos violência por questões de imagem corporal.

Finalmente, Lucio foi informado que na entrevista anterior seu nome havia sido trocado para respeitar sua privacidade, mas que tal anonimato também nos parecia, de certo modo, fazer com que sua vida e sua identidade fossem escondidas em um tipo de armário. Consultado, então, sobre qual nome deveríamos usar neste artigo, categoricamente ele disse: “não tenho problema com vocês usando meu nome verdadeiro”.

É por isso que revelamos, agora, que Lucio é, na verdade, Amaru.

Rafael

Diferente de outros entrevistados, Rafael é nascido e criado em Foz do Iguaçu. Tinha 22 anos em 2015, quando concedeu uma entrevista à pesquisa — cuja síntese visual é a Figura 10. Ele mencionou que sua primeira experiência homoafetiva ocorreu durante o ensino médio. Em uma festa, uma amiga o informou sobre o interesse de outro rapaz: “*enquanto eu dançava, fiquei olhando para ele, mas naquela época nunca tinha pensado em ‘ficar’ com outro homem*”. Meses depois, em outra festa, Rafael o reencontrou. No entanto, uma interação mais íntima só viria a acontecer mais tarde, facilitada pela internet e longe de quaisquer olhares.

Na segunda festa, revelaram fotos nossas e penduraram em uma árvore. Fui pegar a minha e encontrei a dele. Roubei essa foto, que eu tenho até hoje! Depois desse evento, falei com uma amiga em comum sobre ‘ficar’ com ele. Ela conversou com o cara, nós nos adicionamos num programa de mensagens e começamos a nos conhecer. Eu aceitei a ideia porque ele ia fazer um intercâmbio, ia para o Oriente Médio em menos de um mês, sabe? Um dia a gente matou aula e foi caminhando até um prédio. Fomos até o salão de festas, não tinha ninguém, entramos no banheiro e esse foi meu primeiro beijo. E como eu me senti bem! Saí saltitando daquele banheiro!

Leo Name, Oswaldo Freitez Carrillo



Rafael contou também que sua irmã sempre foi distante. Seu irmão gêmeo era muito próximo, mas a situação mudou depois que ele acessou seu histórico de conversas na internet com o rapaz daquele primeiro beijo: “*ele veio chorando e me disse que se fosse para eu continuar fazendo ‘coisa errada’, que fizesse escondido*”. Apesar de dizer que sua mãe nunca o entendeu, Rafael admitiu que ela era seu maior apoio em casa. Seu pai, contudo, sempre esteve distante, porque desde a infância o considerava afeminado. Ele também mencionou certas consultas médicas às quais seus pais o acompanharam.

Quando eu tinha mais ou menos 10 anos, me levaram ao psicólogo. Fiz vários exames. Lembro de gente colocando eletrodos na minha cabeça. Eu também ia a uma fonoaudióloga e eu não entendia o porquê, já que meus irmãos nunca passaram por nada disso. Só depois percebi que me puseram na fonoaudióloga para que eu aprendesse a falar mais grosso. Meu pai sempre me mandava falar como homem! Também lembro de um dia, numa viagem de férias, em que me deram um rolo enorme de papel, grosso, para que eu desenhasse na parte de trás. Ali estavam meus batimentos cardíacos, sabe? Tinham os resultados de exames que diziam que eu não tinha nada, entendeu? Isso me marcou muito. Só recentemente disse à minha mãe que hoje sei por que eu ia à fonoaudióloga e ao psicólogo. Ela ficou quieta. Mas eu também sei que tudo isso foi decisão do meu pai.

Inicialmente, Rafael frequentava aulas, à noite, em uma universidade de uma cidade vizinha. Destacou que sua entrada na Unila, além de livrá-lo de deslocamentos diários exaustivos que o faziam chegar em casa de madrugada, auxiliou-o na tarefa de mais efetivamente se expressar, controlando seu próprio corpo.

Se eu tivesse continuado na outra universidade, nossa, eu nem sei! Teria outro caminho. Aqui na Unila eu posso falar ‘bichice’, ser feliz, não ficar me policiando, não ter vergonha do que visto. Eu uso as roupas da minha mãe! Eu jamais consideraria uma coisa dessas antes. Aqui eu encontrei muita gente diferente e que me fez questionar muitas coisas, até coisas mais simples, tipo, os meninos uruguaios se cumprimentam com beijo no rosto, né?

Sobre os trânsitos na Tríplice Fronteira, Rafael disse que percebia maiores presença e aceitação de gays em Puerto Iguazú, inclusive tendo sido em uma boate de lá onde, pela primeira vez, dividiu espaço com uma travesti. Também relatou que seu segundo relacionamento amoroso foi com um árabe, residente e proprietário de uma loja em Ciudad del Este: “tínhamos que fingir ser amigos em todos os ambientes, só ficávamos juntos e nos amávamos dentro do carro dele ou no motel e nem nossos melhores amigos sabiam de nós, senão ele poderia perder tudo e ter que voltar para o Oriente Médio”.

Em Foz do Iguaçu, Rafael também não se sentia seguro.

Eu sou amigo de duas lésbicas, feministas, que namoram há muito

tempo e sempre saem de mãos dadas e se beijam em público. E eu vejo que as pessoas olham e falam, reclamam. Em Foz do Iguaçu, eu nunca vou sair de mãos dadas com outro cara. Eu tenho medo. Uma vez, eu estava no Centro e um sujeito passou fazendo barulho com a moto e me gritou: ‘ô viado do caralho!’. Eu estava com fones de ouvido, mas eu consegui escutar. E aí eu fiquei pensando: mas eu nem estou tão gay assim! Acho que eu estava usando jeans.

Respondendo à nossa solicitação de 2023, ele disse usar os aplicativos de encontros, mas que se sente “*escolhendo um lanche no iFood*” — conexões significativas são raras. Não considera as redes sociais ambientes saudáveis, mas eventualmente posta fotos das férias, para atender à pressão para “*manter o shape em dia*”. Além disso, contou que, entre 2019 e 2021, morou em uma pequena cidade do Canadá e que experiências traumáticas, em 2018, tiveram peso sobre essa decisão de sair do país. Mesmo que nesse momento ele já se autorizasse a andar de mãos dadas com outro homem em Foz do Iguaçu, as circunstâncias lhe pareciam perigosas: “ *senti muito medo no ano eleitoral e jamais esquecerei a cena de ter que soltar a mão do meu namorado para entrar em uma seção de votação tomada por pessoas de verde e amarelo*”. Hoje em dia, contudo, “*as pessoas tendem a ser menos agressivas que antes, mas continuam conservadoras*”.

De volta a Foz do Iguaçu, atualmente, ele é funcionário da prefeitura: “*é uma condição social e profissional que faz com que as pessoas me aceitem, de modo não honesto*”. Em seu ambiente laboral, combinam-se invisibilidade, reprovação e expectativas sobre sua performatividade de gênero.

Como homem branco cisgênero, mas gay, ainda sou minoria. No entanto, sou tratado como ‘amiga’ pelas mulheres cis héteras. Quase sempre elas confundem minhas colocações e críticas com uma ‘maldade gay’, esperando que eu assuma a identidade da ‘bicha má’. Dos homens cis héteros de até 40 anos recebo um tratamento indiferente: não sou incluído nas conversas — mas também não faço questão, né? O problema maior é com os homens cis héteros mais velhos. A maioria deles nem me olha na cara e é perceptível seu desgosto. E acontece muito ser confundido com outros homens gays que trabalham na prefeitura, mesmo sendo completamente diferentes fisicamente e trabalhando em outros setores.

Finalmente, devido a ter citado situações e pessoas de seu trabalho, ele disse preferir que usássemos, aqui, somente o pseudônimo Rafael.

Mario

Mario tinha 22 anos na época da primeira entrevista, cartograficamente resumida na Figura 11. Contou que nasceu em uma cidade venezuelana, capital de estado, com economia impulsionada por petróleo, agricultura e pecuária. Ele vivia com a avó, a mãe e uma prima mais velha, as “três mães” que o criaram, e seu avô. Não tinha contato com o pai desde os 3 anos, mas um de seus tios era muito presente.

Ele detalhou abertamente suas primeiras experiências sexuais¹¹:

A primeira foi com um meio-irmão da minha prima. Ele tinha talvez uns 20 anos e eu tinha uns 5 ou 6 anos. Não houve penetração, mas eu o masturbei. Depois aconteceram, com um dos funcionários do meu tio, sexo oral e jogos eróticos muito mais fortes: esfregar, tocar, coisas assim, sendo que às vezes ele me juntava com outros dois meninos da rua. Eu ainda era bem pequeno, com 6 ou 7 anos. Como minha mãe poderia saber que, naquela época, eu teria alguns encontros homossexuais às escondidas com pessoas muito mais velhas que eu e que poderiam se aproveitar de uma criança assim?

Mario viveu situações, segundo ele, de penetração e sexo oral, quando estava um pouco mais crescido, com dois primos adolescentes. Descoberto, arcou com consequências.

Minha mãe me pegou com um dos meus primos. E ela me repreendeu, brigou comigo, me puniu, me bateu. Me bateu, mas me bateu tanto, que praticamente não consegui dormir naquela noite de tanto que chorei e de tanto que apanhei. Eu me sentia como se estivesse fazendo algo errado, me senti culpado. Minha mãe começou a prestar muito mais atenção em mim, a ficar muito complicada comigo, em seu esforço para me mostrar que eu não era assim, que eu não podia ser assim. A partir daí, passei a ser vigiado o tempo todo, não importasse para onde fosse, e praticamente não saía de casa. Não me deixavam sair, seja para a frente da rua ou para brincar com as outras crianças da vizinhança.

Por um tempo ele passou, então, a reprimir seus desejos por outros homens e até mesmo negar senti-los. “Na escola, sempre tinham as piadas: se você não tivesse namorada era chamado de viado, se não gostasse de esportes era maricas ou algo assim. Então eu tentava manter uma atitude bastante viril, por assim dizer, na medida do possível”. No entanto, as atividades sexuais voltaram com bastante intensidade durante o ensino médio: “eu saía cedo de uma aula e antes de voltar para casa dava uma volta no Centro. Acontecia sexo casual com um homem num banheiro, num parque ou numa construção abandonada”. Apesar de seus esforços de ocultação, Mario foi novamente descoberto.

Toda essa parte do sexo ficava escondida da minha mãe, da minha família, até dos amigos. Era uma atividade paralela, eu não contava a absolutamente ninguém. Mas minha mãe descobriu uma mensagem no meu celular, de um cara que conheci na rua, em que ele dizia ‘eu adoro quando você me chupa gostoso’. Ela me repreendeu, me insultou, me deu um tapa, ou seja, novamente houve uma cena

11 Este texto traz a perspectiva dos sujeitos que viveram as narrativas compartilhadas. Neste caso, ao tratarmos tais relações como "experiências sexuais" e "encontros", trata-se da percepção do entrevistado que talvez não tenha compreendido, naquele momento da infância ou no momento da entrevista, essas situações como abuso. Destaca-se que qualquer relação sexual com crianças e adolescentes é compreendida como violência e abuso sexual, tanto pela legislação brasileira quanto pela venezuelana.

complicada com minha mãe e muito choro. Bom, aí eu comecei a tentar me 'endireitar': arranjei uma namorada, mas nunca transei com ela, e passei a me interessar por coisas mais masculinas, como jogar futebol.

Vir estudar no Brasil atendeu a seu antigo desejo de “sair, explorar o mundo e conhecer outras realidades”. A respeito do novo ambiente, universitário, Mario disse:

Eu já tinha aceitado que eu gostava de homens, mas se tivesse uma namorada legal, não tinha problema. Chegar aqui não foi exatamente uma saída do armário, porque já havia superado isso, mas não havia contado sobre mim a muitas pessoas. A Unila parecia o paraíso da mente aberta, havia essa vibração diferente, de gente que se aceitava, se assumia, que não tinha problema com isso. Eu estava longe de casa e da minha família e não precisava esconder que fazia certas coisas.

Mario, contudo, disse que expressar afeto a outro homem em público era bastante complicado em outros espaços de Foz do Iguaçu: “*é melhor não sair de mãos dadas com um cara, para evitar situações constrangedoras. A verdade é que essa expressão de afeto entre homens está restrita a lugares mais privados*”. Sobre o lado paraguaio da fronteira, afirmou que tal sensação era ainda mais evidente: “*é óbvio que sair em Ciudad del Este e ir a uma boate e dançar com um homem não é a mesma coisa que ir em uma boate e dançar com um homem em Puerto Iguazú, que é muito mais liberal*”.

Sobre o que aconteceria ao retornar à sua cidade natal, ele disse que nada mudaria. Recentemente, no retorno ao apelo para este artigo, mencionou que voltou para lá duas vezes, sentindo-se mais seguro e tranquilo, com menos medo de se assumir perante sua cidade e sua família. Disse também que se formou em 2018 e, inicialmente, permaneceu em Foz do Iguaçu. Foi um período desafiador: “*a cidade é fortemente marcada pela presença militar e, com o governo Bolsonaro, se alinhou aos interesses da direita conservadora brasileira. Desde antes de Bolsonaro chegar ao poder, aliás, já se sentia uma xenofobia relativamente forte*”. Um pouco mais de um ano depois, Mario se mudou para Salvador, Bahia, e, assim, “*ser venezuelano deixou de ser um problema*”. No entanto, veio a pandemia de Covid-19 e “*passar da intensidade da alegria do carnaval soteropolitano ao confinamento como medida de biossegurança não foi nada fácil: me vi em uma cidade desconhecida, sem emprego e vivendo de favor na casa de amigos*”.

Passado o período turbulento, hoje, ele mora sozinho, trabalha com massoterapia e terapias integrativas e tem um relacionamento aberto com um rapaz. Uma vez que também tem outras relações passageiras, pautadas pelo sexo, opinou sobre os aplicativos de encontros:

Tenho utilizado com frequência, pois os aplicativos são um meio para conhecer rapazes para sexo casual ou amizade. Não me sinto desconfortável em expressar minha identidade de gênero e minha sexualidade através deles, também não me importo de mostrar meu

rosto ou meu corpo, mas outras pessoas preferem manter o anonimato, como se isso fosse mais sexualmente atraente. Esses espaços se tornaram tóxicos. As pessoas dificilmente dizem outra coisa que não seja o 'curte o quê?' e o 'tem local?'. Cada vez mais esses aplicativos têm se tornado um meio um tanto difícil de gerar conexões mais significativas e valiosas.

No caso das redes sociais, pelas quais, inclusive, mantém contato com pessoas da família e de sua cidade, Mario relatou uma situação curiosa de quando publicou uma foto um pouco mais sensual: “foi um escândalo na família. Eu ri, fiquei um pouco incomodado com alguns comentários, mas depois parei de me importar e segui em frente”. Finalmente, sobre o nome que deveríamos usar nesta publicação, ele disse que não haveria problema em deixarmos o pseudônimo para trás.

É por isso que dizemos agora que Mario, na verdade, se chama Sergio.

Samuel

O mais velho entre os entrevistados, Samuel tinha 29 anos em 2015, quando concedeu a entrevista sintetizada na Figura 12. Tendo nascido e vivido em uma cidade equatoriana que crescia devido a fazendas de atum, disse que sempre soube que os homens o atraíam. No entanto, lá, relacionava-se apenas com mulheres: “me obrigava a ficar excitado com elas porque era assim que as coisas funcionavam, minha vida era a de um homem hétero normal”. Afinal,

Não só a cidade, mas toda a província e todo o departamento são conservadores. É tudo muito rural, lá tem muita agricultura e no litoral tem essa pesca de atum, e tem muito pescador também. O típico pescador de família com mulher e filhos, mas com outros filhos por todo lado. Lá, um homem ter muitas mulheres é bem visto e uma mulher que perde a virgindade antes do casamento ainda é mal vista.

Aos 19 anos, iniciou estudos em uma carreira na área de saúde, mas não gostou do curso e desistiu. Foi quando recebeu a dica de um ex-vizinho que vivia na Inglaterra sobre uma bolsa para estudar inglês. Viajou e, lá, começou a buscar relações com outros homens: “não podia transar com esse equatoriano, pois era alguém da minha cidade, que também era muito conservador”. Quando Samuel conheceu um espanhol na internet e um equatoriano de outra cidade, no trabalho, teve suas duas primeiras incursões em estabelecimentos para o público gay.

Fui com o espanhol à boate mais famosa da cidade. Era uma perdição, eu não sabia o que eram os 'quartos escuros', então imagine eu, vindo de uma sociedade conservadora, vendo homens nus fazendo sexo entre si. Foi um choque, voltei para casa muito assustado. E por mais ou menos um mês não atendia às ligações desse amigo. Depois, com o cara equatoriano, fui a uma área de bares gays, onde também havia prostíbulos. Entramos em um bar e a música estava boa, as pessoas estavam bebendo, os bartenders

estavam usando cuecas apertadas e eram caras musculosos e bonitos. Acabei beijando um inglês, mas não sei se ele era muito bonito, porque tínhamos bebido bastante. Não me lembro bem do rosto dele.

Ele continuou a frequentar esse mesmo bar, onde conheceu um cara “rico, metade inglês e metade indiano, mas que parecia apenas inglês”, que morava nas proximidades e com quem teve sua primeira relação sexual. Desde então, “eu senti como se estivesse abrindo uma porta e comecei a buscar ‘ménage a trois’, lugares onde aconteciam orgias, um mundo novo de possibilidades ilimitadas”. No entanto, Samuel sofreu um ataque homofóbico em uma breve volta à sua cidade natal — sobre o qual não quis dar detalhes. No retorno à Inglaterra, tomou uma decisão: “senti como se tivesse uma doença, fosse a pior pessoa do mundo, então fui a uma igreja evangélica onde todos eram latinos”. Sobre essa época de bastante repressão religiosa, falou:

Fui tentado em um banheiro público de um parque da cidade. Enquanto estava urinando, um cara se aproximou e começou a me encarar, do nada. Ele era atraente, alto, incrível, mas não estou preparado para situações inesperadas — não sei se é meu signo, mas não gosto se não for controlado, se não for planejado. Saí correndo dali. Nunca mais o vi, mas sempre havia tentações na rua e nem sempre eu não cedia. Aconteceu em outro banheiro, dessa vez numa praia. Ah! Também aconteceu em uma espécie de mirante turístico de onde se podia descer uma escada e desviar para um matagal. E em lugares permitidos, como o quarto de algum lugar.

Regressando à sua cidade, sua mãe enfrentou uma grave doença, o que esgotou os recursos da família, vindo a falecer e deixando seu pai responsável por quatro filhos. Samuel viu, então, um anúncio que mencionava bolsas de estudo e alimentação na Unila. Um mês após se inscrever para uma vaga na universidade, seu pai também morreu. Selecionado, viajou ao Brasil e, logo, experiências sexuais voltaram a ocorrer.

Fui ainda mais louco do que fui na Europa. Lembro que assim que cheguei a Foz do Iguaçu, pela internet, não sei como, entrei em contato com um cara que contatou outras pessoas e de repente estávamos todos juntos. Teve um casal que eu também conheci online. Também teve gente da Argentina e do Paraguai. Eu tive que contar que era gay para o meu colega de quarto porque era muito óbvio. Ele quis tentar me convencer a ir a outra igreja, mas eu não acreditava mais em nada. E, sim, me tornei muito promíscuo e cheguei muito perto do que é a libertinagem, mas sinto que era por puro ressentimento com Deus.

Comparando suas experiências nas cidades da Tríplice Fronteira, Samuel também disse perceber um ambiente mais livre em Puerto Iguazú e mais homofóbico em Ciudad del Este. Contou, além disso, que um colega da Unila o bloqueou em uma rede social ao descobrir sua relação com Joaquín, seu namorado naquele momento — o que entendeu como homofobia. Sobre estar

dentro ou fora do armário em tantos lugares e situações diferentes, ele disse: “*eu saio do armário quando não estou na minha cidade ou no meu país. Na Europa, eu estava fora do armário, enquanto que quando volto a meu país eu volto para dentro dele. No Brasil, estou fora novamente*”.

No contato mais recente para a pesquisa, Samuel informou que, depois de sua formação no Brasil, voltou a morar um tempo na Inglaterra, mas que hoje vive em sua cidade natal. De posse da Figura 12 e conectando o presente à época da primeira entrevista, fez uma narração de sua situação atual.

Sinto que minha estadia na Unila reafirmou minha orientação sexual. Conhecer tantas pessoas que não tinham medo de se mostrar como eram me permitiu, quando voltei ao meu país, dizer que era gay à minha família — que não apenas me aceitou, mas abriu os braços para receber meu parceiro, com quem estou há mais de um ano, em todas as reuniões. Antes, sentia muita culpa por ter relacionamentos amorosos e sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas ao retornar entendi que não tinha motivo para sentir essa culpa e passei a levar uma vida sexual e amorosa mais livre disso. Atualmente, moro com meu namorado. Estabelecer amizades com muitas pessoas que têm a mesma orientação sexual tem sido muito positivo. O maior desafio é minha religião, já que sou evangélico. No entanto, optei por não deixar que isso me afetasse e continuei mantendo minha relação com Deus, sem a necessidade da aprovação de muitos dos membros da igreja.

Com relação à abordagem de sua sexualidade no ambiente de trabalho, bem como na internet e nas redes sociais, disse:

Sou professor universitário na área de Artes. Não notei diferenças em como sou tratado devido à minha orientação sexual, embora não saiba se as pessoas sabem, já que não escondo, mas também não divulgo. Não conheci meu parceiro usando aplicativos de encontros e, antes de conhecê-lo, usei muito pouco. O que mais me incomodava eram os comentários maldosos que as pessoas faziam, nesta pequena cidade, quando alguém era visto usando o aplicativo, como se ninguém mais o fizesse. Não costumo postar muito sobre meu relacionamento nas redes sociais, mas faço isso em ocasiões especiais. Às vezes, compartilho fotos um pouco mais ousadas, mas somente em círculos restritos de amigos, pois os principais chefes do trabalho são um pouco mais velhos e conservadores, então prefiro evitar que pessoas que possam comentar vejam meu conteúdo.

Sobre revelarmos ou não seu nome verdadeiro neste texto, ele disse preferir, “*por razões laborais*”, que nos mantivéssemos tratando-o como Samuel.

De volta a Ferdinando e Julio

Mesmo com a situação difícil durante a primeira entrevista, Ferdinando autorizou o uso daquela gravação após conversas e esclarecimentos, na época, com o então pesquisador-bolsista. Nessa conversa, que serviu de base para a produção cartográfica que é a Figura 13, contou que, antes de vir ao Brasil,

morava com os pais e o irmão mais novo em uma cidade a sete horas da capital chilena, com cerca de um milhão de habitantes. Desde a época da escola, uma instituição católica empenhada na instrução religiosa, já enfrentava o *bullying* homofóbico e vivia experiências “de tocar aqui e ali” em outros garotos, mas, aos 15 anos, teve uma namorada. Dois anos depois, beijou pela primeira vez um rapaz, mais novo, em um parque da cidade. Com o tempo, passou a preferir os mais velhos, que ele conhecia em no mesmo parque e com quem fazia sexo dentro de carros. Não contava a amigos, muito menos aos pais: “*se você sabe que sua família não vai aceitar, não há porque enfiar problemas onde não é necessário*”. Na Unila, passou a se sentir mais livre, na maioria das vezes, relacionando-se sexualmente com homens da própria instituição, pois os aplicativos o incomodavam: “*a Unila é um ambiente diferente, não há necessidade de se esconder, pois se vamos a uma festa, às vezes um professor também está ‘pegando’ outro cara na frente de todos. É mais tranquilo, enquanto que nos aplicativos só há desesperados sexuais*”. Finalmente, disse que um retorno definitivo à sua cidade seria uma volta ao armário, “*sem chance de sair*”.

Para este artigo, uma mensagem foi enviada a Ferdinando, por uma rede social — em que se podia obter a informação de que ele voltou a morar no Chile, na capital. Semanas se passaram sem nenhuma resposta. Quando finalmente ele fez contato, prometeu responder tão logo fosse possível, mas afirmou estar muitíssimo ocupado. Após quatro tentativas frustradas de agendamento de uma conversa por telefone, o pesquisador desistiu.

Julio, por sua vez, apesar da instabilidade emocional durante a conversa na moradia universitária, a partir de então foi desenvolvendo com seu entrevistador uma amizade sólida. Em encontros na universidade ou fora dela, ele demonstrava interesse na pesquisa, perguntando sobre seus desdobramentos e tentando descobrir, obviamente sem êxito, quem havia sido entrevistado. Com o tempo, ele permitiu a criação de um mapa com base no que ele e o amigo lembravam daquela primeira conversa (ver Figura 14), já que o áudio havia sido apagado. Quando pronto, curiosamente, compartilhou-o em suas redes sociais, em certa medida orgulhoso de sua participação na “pesquisa sobre gays saindo do armário”. Desse mapa, apreendem-se experiências e expectativas semelhantes às de Ferdinando: *bullying* e catecismo na infância, beijo e sexo às escondidas, maior liberdade na Unila e medo de voltar ao armário ao retornar ao seu país. Quanto à segunda abordagem, feita por uma rede social, em um primeiro momento, ele respondeu que estava ocupado com longas jornadas de trabalho. Após alguma insistência do pesquisador, contudo, conversou diretamente por um aplicativo de mensagens, mas não autorizou a revelação de seu nome real.

Julio reconheceu a importância de sua passagem pela Unila, destacando que, ao longo de sua graduação, superou a timidez e se tornou mais seguro, não hesitando em mostrar sua orientação sexual em qualquer lugar. Depois de formado, permaneceu em Foz do Iguaçu, entre 2019 e 2022, percebendo um aumento da homofobia e da xenofobia ao sair às ruas, devido ao clima político. Fez um breve retorno à Lima, sentindo-se muito desconfortável com a própria sexualidade em sua cidade. Logo voltou ao Brasil e iniciou uma rota como mochileiro, trabalhando em *hostels* e fazendo voluntariado em várias cidades:

Goiânia, Salvador, Brasília e Rio de Janeiro, onde passou mais tempo. A homofobia e a xenofobia variavam em cada uma delas, mas ele as vivenciava mais indiretamente, já que circulava por ambientes com muitos estrangeiros e turistas.

Atualmente, ele vive em São Francisco, nos Estados Unidos. Disse que enfrentou problemas devido à sua entrada ilegal no país, mas que já resolveu a situação e, hoje, pode desfrutar da tranquilidade para viver sua orientação sexual, beneficiado pela proteção legal e pelo reconhecimento dos direitos LGBTQIAPN+ na Califórnia. No entanto, Julio mora com uma tia, o que traz complicações: *“ela é bastante rigorosa, o que torna difícil meus amigos ou parceiros me visitarem. Se eu quiser encontrar alguém, tenho que sair de casa: uso o aplicativo de encontros e marco no meu carro, já que trabalho como motorista de aplicativo”*.

A maior parte de seu tempo, aliás, é dedicada a esse trabalho, rodando pela cidade por cerca de doze horas diárias. Apesar desse longo expediente como trabalhador autônomo limitar as atividades de socialização e as oportunidades de relacionamento, também facilita o sexo clandestino em parques e até mesmo com passageiros. O trabalho extenuante, por um lado, vem lhe trazendo ganho de peso — e, devido à idade e a uma ansiedade já com diagnóstico, o cabelo também está caindo —, o que não lhe impede de se sentir à vontade para postar fotos sensuais em suas redes sociais, por exemplo, usando sunga ou em praias nudistas. Por outro lado, permite juntar o dinheiro necessário para trazer sua família para os Estados Unidos e para sonhar com outros deslocamentos: *“quando minha mãe se estabelecer aqui, após vir do Peru, pretendo procurar um lugar só para mim e talvez, depois, retornar a Foz do Iguaçu, já que meu desejo é continuar viajando pelo mundo”*.

Para não concluir

Faz quase uma década que esta pesquisa começou, quando ainda éramos um professor e um estudante da Unila, instituição federal de ensino superior com vagas para estudantes de diversos países. Nesse momento, era-nos evidente que parte desse alunado passava a se identificar como homossexual. Isso nos fez questionar se seus deslocamentos geográficos — de outros países para o Brasil e entre as cidades e os espaços da Tríplice Fronteira —, além do ambiente de diversidade da universidade, influíam nesses processos de descoberta. Iniciamos nosso estudo buscando a conversa franca com tais mulheres e homens. Os últimos logo se mostraram como mais possíveis de acessar, já que os pesquisadores também eram homens gays e, particularmente, aquele de nós que conduzia as entrevistas recorreu à sua rede de contatos pessoais — amigos com quem frequentava lugares gays e, inclusive, alguns parceiros de flerte ou sexo ocasionais.

As duas cenas que abrem o texto evidenciam nossa imprudência inicial com o conteúdo de sofrimento envolvido nessas conversas, que repercutiu nos entrevistados e nos exigiu mudanças teórico-metodológicas. Mais especificamente, revelam o quanto não atentamos a que, mesmo em ambientes de ampla diversidade e relativa liberdade, como a Unila, “sair do armário” jamais é definitivo. Como outras pessoas fora da heteronormatividade,

Ferdinando e Julio agem e reagem, tanto à interdição de sua orientação sexual em contextos e espaços heterocisnormativos quanto às possibilidades de enfrentá-la, oscilando entre esconder-se e revelar-se, muitas vezes, sem qualquer controle disso.

A pesquisa precisou, portanto, lidar com o armário e suas dimensões materiais. Foi necessário indagar ao alunado entrevistado sobre a mobilidade por entre espaços onde se manifestam sobreposições, por exemplo, de aceitação e rejeição, normalidade e anormalidade. Foi-nos narrado que é preciso sair de casa e de seu próprio país, viajar pelo mundo, frequentar estabelecimentos específicos, controlar o corpo modulando a voz e escolhendo o que vestir — e mesmo várias vezes entrando e saindo armário, quase nunca se sente seguro na cidade. No entanto, se nessas escalas, do corpo ao globo, passando pela cidade e pela nação, o armário reforça dimensões repressivas e sensações de desamparo, desencaixe e não pertencimento, ao mesmo tempo são delineadas estratégias mais ou menos conscientes, nem sempre seguras, para que práticas afetivo-sexuais entre homens aconteçam em diferentes espaços. Dito de outro modo, os espaços do armário estruturam e são estruturados por mobilidades e diferentes contextos geográficos e culturais que desenham os regimes de permissão, assunção e interdição do desejo homossexual.

As mobilidades também foram o pano de fundo de dimensões físicas, sociais, simbólicas e emocionais, no desenrolar da pesquisa: quem conduziu as entrevistas, às vezes, o fazia movendo-se com quem entrevistava; tanto nós quanto todos aqueles que novamente foram entrevistados continuaram a se mover, sendo necessários computadores, *smartphones*, redes sociais e aplicativos para um segundo contato; e as diferentes mobilidades que ocorriam antes, durante e após as experiências na região transfronteiriça de quase dez anos eram e continuaram sendo parte das conversas.

É importante mencionar que os relatos de que aqui tratamos também nos impactaram profundamente. Era impossível para nós, pesquisadores gays, não relacionar o que se escutava ou lia com as reminiscências de nossas próprias experiências, que necessariamente se refletiam e ainda se refletem em nossas narrativas sobre nós mesmos. Não foram poucas as vezes que cada um de nós se perguntou: o que eu narraria de minha própria existência gay? Quais são e como seriam mapeados meus espaços do armário? O quanto ainda retorno para dentro do armário? A situação foi especialmente desafiadora para aquele que fez todas as entrevistas e precisou lidar diretamente com pessoas de seu círculo íntimo, dividindo lembranças frequentemente dolorosas, algumas assombrosas, às vezes, precisando confortá-las no momento da conversa.

Com vistas à viabilização das entrevistas, também foi preciso forjar ambientes que permitissem conversas íntimas longe dos olhares de pessoas conhecidas e adotar diferentes estratégias para garantir o anonimato de informantes. Na segunda tentativa de diálogo com os homens gays entrevistados, demonstrando a instabilidade que é própria do armário, alguns sumiram, outros desconversaram; alguns permitiram revelar seus nomes, outros exigiram a manutenção da camuflagem. Uma vez que nossa pesquisa, guiada pela ética, pela proteção de participantes e pelo compromisso metodológico com o cuidado narrativo, sempre respeitou suas vontades, suas

restrições e seus receios, paradoxalmente, ela também, em alguma medida, permitiu que esses homens gays pudessem manter no armário parte de sua existência e de suas experiências e práticas espaciais.

Será essa uma situação inevitável?

Referências

ARCOS, F. R. Cuestionamientos a la geografía a partir del cruising entre hombres en Bogotá. **Revista Latino-Americana de Geografía e Gênero**, v. 4, n. 2, p. 134–147, 2013.

BINNIE, J. Coming out of Geography: towards a queer epistemology? **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 15, n. 2, p. 223-237, 1997.

BRASIL. **Lei 12.189 de 12 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-americana — UNILA e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, 2010.

BROWN, M. P. **Closet space**. London/New York, Routledge, 2000.

CAÚLA, A. **Trilogia das utopias urbanas**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CORAZZA, G. A Unila e a integração latino-americana. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 3, p. 79-88, 2010.

G1 PR. Universidade repudia agressão a estudante haitiano em Foz do Iguaçu. **G1**. 16/05/2016. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/universidade-repudia-agressao-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu.html>. Acesso em: 22 out. 2023.

GEORGES, D. Xenofobia em Foz: a 1ª linha do preconceito. **Vou te contar**: Blogue de Aluizio Palmar. 04/09/2013. Disponível em <https://aluiziopalmar.blogspot.com/2013/09/xenofobia-em-foz-1-linha-do-preconceito.html>. Acesso em: 22 out. 2023.

GIRARDI, G. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre geografia e cartografia. **Geografares**, v. 1, n. 1, p. 41-50, 2000.

HARLEY, B. **Mapas, saber e poder**. Confins, n. 5, (1988) 2009.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W./ GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, (2000) 2014.

KLAUCK, S.; SZEKUT, A. Diversidade populacional: discurso de fixação do patrimônio cultural de Foz do Iguaçu. **Ideação**, n. 2, v. 14, p. 157-177, 2012.

LEWIS, N. M. Remapping disclosure: gay men's segmented journeys of moving out and coming out. **Social & Cultural Geography**, n. 3, v. 13, p. 211-231, 2012.

MACEDO, F. G. Entrevista narrativa: aspectos teórico-metodológicos e as novas possibilidades acerca da obra de Lina Bo Bardi. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 6, 2020. **Anais...** Brasília: UnB, 2021.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JR., V.; GALLO, P. R.; ROLIM NETO, M. L.; REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

NAME, L. De que lugar fala o lugar de fala? **Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 162-177, 2020.

NAME, L.; FREITEZ CARRILLO, O. Cartografías alternativas decoloniales: género, sexualidades y espacios en una universidad en área transfronteriza. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE GÉNERO Y ESPACIO, 2, 2017. **Memorias...** Ciudad de Mexico, 2017, p. 567-594.

NAME, L.; FREITEZ CARRILLO, O. Cartografias alternativas decoloniais. Género, sexualidades e espaços em uma universidade em área transfronteiriça. **Arquitextos**, v. 20, n. 230.02, 2019.

NAME, L.; MOASSAB, A. Apresentação. In: MOASSAB, A./ NAME, L. (org.). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: Edunila, 2020, p. 13-31.

PIOLLA, G. A quem interessa desacreditar o projeto da Unila? **Boca maldita**. 18/06/2012. Disponível em <https://www.bocamaldita.com/a-quem-interessa-desacreditar-o-projeto-da-unila>. Acesso em: 22 out. 2023.

RICOBOM, G. A integração latino-americana e o diálogo intercultural: perspectivas a partir da universidade. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, n. 12, v. 1, p. 351-362, 2010.

RISLER, J.; ARAS, P. **Manual de mapeo colectivo**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, n. 1, p. 19-54, (1993) 2007.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Identidades como uma quimera de lugares. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 34, p. 40-54, 2021.

UNILA. Unila em números. Universidade Federal da Integração Latino-

Americana. **Informes.** 23/02/2022. Disponível em <https://portal.unila.edu.br/informes/unila-em-numeros>. Acesso em: 22 out. 2023.

UNILA. Unila conta com representantes de 28 povos indígenas em seu corpo estudantil. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **Notícias.** 04/10/2023. Disponível em <https://portal.unila.edu.br/noticias/unila-conta-com-representantes-de-28-povos-indigenas-em-seu-corpo-estudantil>. Acesso em: 22 out. 2023.

VIEIRA, P. J. Aeminiumqueer, a cidade armário: quotidianos lésbicos e gays em espaço urbano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.1, n.1, p. 5-13, 2010.

WURMASTER. F. Unila pede que Corregedoria da PM investigue agressão a estudantes. **Gazeta do Povo.** 06/06/2012. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/unila-pede-que-corregedoria-da-pm-investigue-agressao-a-estudantes-290fhc8z9edr4j6sue8dum4pa>. Acesso em: 22 out. 2023.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Leo Name: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Oswaldo Freitez Carrillo: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Entrevistas, Produção Gráfica, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 22 de novembro de 2023.

Aceito em 21 de março de 2024.

Leo Name, Oswaldo Freitez Carrillo

251